



GT 29. Diálogos nas fronteiras: a Educação e a Escola como objetos de investigação na Antropologia.

Coordenador(es):

Sandra de Fátima Pereira Tosta (UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto)

Gilmar Rocha (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 1

Debatedor/a: Anderson Tibau (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2

Debatedor/a: Tânia Dauster Magalhães e Silva (PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Os debates entre Antropologia e Educação vem sendo realizados desde os anos de 1990 em fóruns científicos no Brasil e no exterior, tendo como referências pesquisas que apresentam as várias possibilidades e desafios da produção científica em perspectiva interdisciplinar e comparada. Uma proposição é clara na delimitação destes debates, qual seja, a de entender o fenômeno da educação não apenas em termos escolares, mas como um processo que remete às aprendizagens nas culturas. Eventos tais como IUAES, RBA, RAM, ALA, têm acolhido estes debates por meio de gts, mesas redondas, simpósios etc. Num rápido balanço das abordagens contempladas nestes eventos e nas publicações que circulam no meio acadêmico, destacam-se: usos da etnografia na pesquisa educacional, o ensino da antropologia para não antropólogos, escola, diferença e diversidade cultural, educação indígena e as pedagogias diferenciadas. Contudo, uma dimensão ainda pouco explorada diz respeito à seguinte problematização: quando antropólogos elegem como tema de investigação questões relacionadas à educação, de que modos isto se configura? Uso de metodologias do tipo estudo de caso, história de vida etc, além da etnografia, e, teoricamente, quais os autores que deram suporte ou dialogaram com o campo? Assim, este GT objetiva reunir antropólogos do Brasil e do exterior que pesquisam fenômenos educacionais a fim de promover uma ampla exposição e debate visando o aprofundamento da compreensão destes diálogos interdisciplinares.

Tecnologias digitais e envelhecimento: reflexões sobre a terceira idade

Autoria: Edilza Maria Medeiros Detmering (UFPB - Universidade Federal da Paraíba), Ítalo Rômany de Carvalho Andrade

O presente artigo, que apresenta dados iniciais de pesquisa conduzida no Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), analisa como as tecnologias digitais podem afetar as relações sociais de um grupo da terceira idade no espaço educacional, por meio da relação mídia e envelhecimento. Tendo como objeto de estudo os alunos e as alunas do Curso de Francês do Núcleo de Estudo e Pesquisa da Terceira Idade (NIETI) da UFPB, a proposta é de compreender as complexidades e demandas da pessoa idosa, a fim de tecer algumas reflexões que possam futuramente contribuir com as discussões acadêmicas em torno do que é ser terceira idade no cenário atual. Busca-se entender, também, como o curso de língua francesa em pauta repercute na construção da identidade de pessoas idosas. Como percursos metodológicos, foram utilizadas conversas informais e observação participante, além de algumas entrevistas semiestruturadas. Dentro do arcabouço teórico, há diálogos com autores e autoras da sociologia, antropologia, comunicação e educação, dentre os/as quais Campelo (1996), Debert (1999), Goldenberg (2002) e Stepansky (2012). Os resultados iniciais levam à compreensão de que as tecnologias digitais modificam as práticas sociais da terceira idade, conformando-se como instrumentos que afetam e contornam os relacionamentos afetivos, nos anseios por



uma interação com outros grupos, e ainda na busca de pertencimento a um espaço socioeducacional.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: